

Maior número de mães, mas com menos filhos, diz FGV

Fabiana Cimieri

RIO

Cada vez mais as brasileiras se tornam mães, embora a média de filhos por mulher tenha caído de cinco para dois desde 1970. Esse foi o dado que mais chamou a atenção do economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, que divulgou ontem o Perfil das Mães Brasileiras, pesquisa feita a partir do cruzamento de dados do Censo 2000 e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, de 2003, ambos do IBGE.

“O mais interessante é perceber como a maternidade é um elemento de evolução social, já que os municípios com maiores percentuais de mães têm bons índices de desenvolvimento humano, alta escolaridade e baixa taxa de pobreza”, analisou Neri. “Um número grande de filhos, porém, está ligado à pobreza e à baixa densidade demográfica”, concluiu.

Dos dez municípios brasileiros com as menores taxas de fecundidade, todos têm bons indicadores socioeconômicos e uma taxa de menos de 1,5 filho por mulher. São eles: Santos (SP), Niterói (RJ), São Caetano do Sul (SP), Rio (RJ), Lagoa dos Três Cantos (RS), Fernando de Noronha (PE), Porto Alegre (RS), São Paulo (SP) e Ivoti (RS).

Além disso, ao contrário do senso comum, a região Nordeste conseguiu reduzir bastante sua taxa de fecundidade, especialmente a partir da década de 70, com a introdução dos métodos anticoncepcionais, chegando mais perto dos índices das regiões mais desenvolvidas. Enquanto no Sudeste, em 2000, a média era de 2,1 filhos, no Nordeste era de 2,63.

As taxas mais altas, segundo o estudo, estão na região Norte, onde a média é superior a três filhos por mulher. Os campeões são Curuá (PA), Monte Santo do Tocantins (TO) e Belágua (MA). “Quanto mais isolada e pobre, maior o número de filhos”, explicou Neri. Outro dado importante da pesquisa foi a mudança na situação conjugal das mães. Em 1970, apenas 2,7% das mulheres solteiras eram mães. Em 2000, esse número subiu para 16,37%. Fenômeno, segundo o economista, relacionado com a gravidez precoce. ●